
O CASAMENTO DA PRINCESA: UMA AVENTURA ESTÉTICA E HUMANIZADORA

Maiara Ferreira de Souza*
Marcela Brasil Galvão**

Apresentação

A oficina analisada neste trabalho é um recorte das ações extensionistas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa LINFE -Linguagem, Infâncias e Educação, no âmbito do projeto de extensão *Tempos e espaços de leitura*¹, que tem por intuito pensar a “formação de professores leitores e mediadores da relação de seus alunos com a leitura, e a criação de espaços nos quais os saberes de professores e crianças possam servir de estímulo e convite à formação de novos leitores” (MICARELLO, 2014, p.2).

No âmbito desse projeto extensionista buscamos refletir sobre a relação existente entre a formação de professores como leitores literários e suas práticas docentes na formação de crianças leitoras, para, a partir disso, realizarmos intervenções nas escolas municipais através do desenvolvimento de oficinas de leitura. Oportuno ressaltar que o planejamento das oficinas é realizado coletivamente durante as reuniões semanais do grupo de extensão e aplicados nas escolas municipais em que atuam os professores desse grupo.

Diante das discussões e reflexões suscitadas pelo grupo, aliadas ao que fomos percebendo nas idas a campo para registro das ações extensionistas, começamos a perceber que, para auxiliar no processo de elaboração das oficinas, se fazia necessário diagnosticar se havia na escola tempos e espaços destinados à leitura e, na mesma medida, como as práticas intervencionistas de acesso à leitura literária, planejadas coletivamente no grupo chegavam àquelas escolas.

* Graduada em pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora- MG, especialista em Educação no Ensino Fundamental, pelo Colégio de Aplicação João XXIII, mestranda no curso de pós-graduação em Educação pela mesma universidade e professora do Ensino Fundamental da rede privada de Juiz de Fora. maiaraf.souza@gmail.com

** Graduada em pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora- MG, mestranda no curso de pós-graduação em Educação pela mesma universidade e professora do Ensino Fundamental da rede privada de Juiz de Fora. marcela_galvao27@hotmail.com

¹ O projeto de extensão, proposto desde 2014, é vinculado ao grupo de pesquisas Linguagens, Infâncias e Educação (LINFE), da UFJF, tendo como líderes as professoras Hilda Micarello e Rosângela Ferreira. Assim como o grupo LINFE, conta com alunos e bolsistas de graduação e pós-graduação *lacto* e *strict sensu* e professores das redes públicas estadual e municipais de Juiz de Fora.



Neste trabalho, então, buscamos analisar os tempos e espaços de leitura literária em uma turma do segundo período da educação infantil a partir de uma oficina de leitura baseada no livro “O casamento da princesa”. Para tanto, nos apoiamos nas notas de campo expandidas e em fotografias produzidas durante o desenvolvimento da oficina.

Caracterização da Escola

A oficina “O casamento da princesa” foi realizada na escola municipal Fernão Dias Paes, localizada no bairro Bandeirantes, zona nordeste da cidade. Essa instituição funciona em tempo parcial e atende crianças da Educação Infantil até os anos finais do Ensino Fundamental. A maioria dos professores dessa escola é contratada, assim como em toda rede municipal de educação. No tempo em que tivemos presente na escola, pudemos perceber que se caracteriza pelo trabalho em equipe tendo em vista a promoção de experiências significativas.

A oficina foi desenvolvida no segundo semestre de 2015 e foi desenvolvida em duas turmas do 2º período da Educação Infantil, que são crianças de 4 e 5 anos. Reiteramos aqui que a observação se deu de maneira participante, em que interagíamos diretamente com as crianças, realizando, juntamente com a professora regente, a oficina de leitura. Nesse sentido, buscamos a todo tempo nos aproximarmos dessas crianças e, assim, possibilitar que se identificassem conosco e nos tomassem como sujeito referência.

A turma do 2º período A, além da professora regente contava com outra professora, ou seja, a turma era gerida num esquema de bidocência²: duas professoras dividiam a docência e, por isso, havia menos alunos sendo composta por dezessete crianças no total, doze meninos e cinco meninas. Já a turma B era composta por vinte crianças, sendo doze meninos e oito meninas. Além da professora regente e da bidocente, as crianças tinham contato com mais quatro professores de aulas especializadas. Por terem contato com cinco professores no total, no caso da turma A, seis, optamos por realizar as observações somente nos horários em que as professoras regentes estavam com as crianças, já que elas eram as professoras de referência da turma.

Em relação à rotina da instituição, cabe destacar que as crianças chegam à escola todos os dias por volta de 13 horas e saem às 17 horas. As aulas eram divididas em tempos: o tempo da educação física, o tempo do desenho, o tempo de copiar as palavras do quadro e

² Profissional que acompanha criança que possui algum tipo de necessidade especial. Conforme já apontamos na introdução deste estudo, na turma A havia uma criança com deficiência, por isso a presença de uma professora bidocente.



vários outros tempos. Para cada um desses tempos um espaço era explorado, as mesas ou o chão da sala de aula, o pátio ou a biblioteca.

Fundamentação teórica

Entendendo que é necessário romper com os ideais colocados no início da modernidade, em que o tempo é fragmentado e o espaço é diretamente modificado por essa lógica, compartilhamos das reflexões de Lima (1989) ao defender que as crianças atribuem significado ao espaço que utilizam através da interação, e para que estes sujeitos desenvolvam suas habilidades mais específicas, os espaços devem possibilitar a liberdade das brincadeiras, imaginação e fantasia. Nesse sentido a autora destaca que “é preciso, pois, deixar o espaço, suficientemente pensado para estimular a curiosidade e a imaginação da criança, mas incompleto o bastante para que ela se aproprie e transforme esse espaço através de sua própria ação” (LIMA, 1989, p.72). Nesse sentido, a organização do espaço, baseada na concepção sócio-histórica (VIGOTSKI, 2009; PINO, 2011, PRESTES, 2010), é constituída e constituidora dos sujeitos. Noutros termos, os espaços são elementos fundamentais no desenvolvimento das crianças, já que um ambiente organizado e estruturado torna-se desafiador, além de auxiliar na autonomia dos pequenos.

Com base na teoria histórico-cultural pode-se afirmar que os tempos e espaços de leitura, na educação infantil, podem e devem proporcionar a interação entre as crianças e das crianças com os adultos, através de um ambiente organizado e planejado juntamente com os pequenos, além de respeitar o tempo singular de cada indivíduo. Assim, a relação da criança com a leitura em determinado tempo e espaço, mediada pelo professor (ou pesquisador), pode proporcionar diferentes e significativas vivências.

Após contextualizarmos a importância dos tempos e espaços de leitura, acreditamos ser importante ressaltarmos a propriedade de leitura que adotamos. Nesse sentido, compartilhamos das reflexões de Carvajal e Ramos (2001, p.49) ao ressaltarem que a leitura “favorece a apropriação da experiência do conhecimento humano em um processo dialógico, mediante o qual o leitor tem acesso de forma dialética a outras informações, pontos de vista, representações, versões, visões, concepções do mundo”.

A partir dessa concepção de leitura e baseando-nos nas considerações de Coelho (2000) e Paulino (1999) sobre leitura literária traçamos dois pilares que sustentam este texto: (i) literatura é um fenômeno de linguagem constituído pela experiência cultural direta ou indireta ligada ao contexto social e à tradição histórica do grupo no qual a criança está inserida; (ii) literatura é arte e, como tal, as relações que os sujeitos estabelecem com ela são



promotoras de aprendizagem, são vivências, fundamentais para que esse sujeito alcance sua formação integral.

Nesse sentido, a leitura literária é concebida, neste estudo, como prática cultural que contribui, assim como outras práticas, para o processo de humanização dos sujeitos. Dessa forma, a concepção de leitura literária que tomamos como referência para compreender interações na educação infantil é aquela que pode permitir experienciar sensações, emoções e formas de ser, de pensar e estar no mundo.

Diante dessas considerações, compartilhamos das considerações de Bondía (2002) ao afirmar que a educação deve ser pensada a partir de dois aspectos: experiência e sentido. Ainda aponta que a experiência constitui-se como algo que toca as pessoas. Assim, acreditamos em um espaço educativo que se constitui em um ambiente que as crianças têm acesso a bens culturais através de experiências estéticas por via das artes, propiciando uma relação dos sentidos com a realidade que se tem ao redor, composta por diferentes estímulos.

Descrição da experiência

Durante a realização de outras oficinas³ percebemos que predominava nas turmas a concepção de princesa europeia. Quando conversamos sobre princesas e como elas são, ouvíamos aspectos como de mulher branca, loira, alta e cabelo longo.

Diante disso, sentimos a necessidade de desconstruir esse único modelo de princesa e, na mesma medida, contribuir com a formação cultural dessas crianças. Então, propusemos uma oficina a partir do conto africano “O casamento da princesa” escrito por Celso Sisto e ilustrado por Simone Matias. O livro narra a disputa entre dois pretendentes, chuva e fogo, pela princesa Abena. Para conseguirem a mão da filha do rei, os pretendentes passam por provas de resistência.

A oficina foi dividida em dois dias. O intuito era demarcar os momentos de preparação do acontecimento do casamento. O primeiro momento consistiu na entrega do convite de casamento da princesa Abena, amostra de fotos africanas, apresentação geográfica da África e por fim a confecção do colar para o casamento. O segundo momento consistiu na realização da pintura da pele e na contação da história, que serão descritos a seguir.

³ É possível encontrar uma análise aprofundada dessa oficina e de outras em: SOUZA, M. F. Tempos e espaços de leitura na educação infantil: reflexões sobre a formação de mediadores de leitura literária. 2016. 100 f. Monografia de conclusão de curso (especialização) – Colégio de Aplicação João XXIII - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.



Para iniciar a oficina confeccionamos um convite para o casamento de uma princesa, mais especificamente Abena (anexo 1). Vale destacar que o convite foi pensado em todos os detalhes, respeitando a configuração de um convite de casamento real com nome dos pais, nome da noiva, lugar e data do casamento. Explicamos que o casamento ocorreria após uma semana e mostramos no calendário da sala. Após a entrega do convite explicamos que iríamos falar do lugar onde ela mora, portanto, sobre a África. Para introduzir, perguntamos o que eles sabem sobre a África e dentre as respostas estavam: leão, tigre, onça, girafa, fada, entre outras. Nesse momento mostramos fotos de mulheres e crianças africanas (anexo 2) para mostrar a cultura, a paisagem, as pinturas de rosto e explorar os rituais africanos, sempre dando ênfase ao casamento. Assim, buscamos problematizar com as crianças o que é ser uma princesa, levando-as a refletir sobre a aparência das princesas, bem como sobre seu comportamento e vestimentas.

Além disso, o intuito das imagens era fomentar nas crianças o desejo de preparação e aguçar a imaginação para o grande dia do casamento. Em sentido complementar, buscamos recursos geográficos- globo terrestre e planisfério- com o intuito de contextualizar e ajudá-los a entender que essas princesas vivem em lugares distintos do planeta, o que as fazem ter aparências e costumes diferentes. Assim, juntos, procuramos encontrar nessa representação da superfície terrestre o continente africano, buscando enxergá-lo em comparação a nossa localização no mundo e a das princesas a que se referiram na oficina passada – o padrão europeu. O último momento desse dia constituiu-se na preparação do casamento da princesa Abena. Para tanto, preparamos colares feitos de materiais reciclados, explicando o objetivo desses colares e a relação existente entre esses adereços e a cultura das tribos africanas. Todas as crianças de envolveram na confecção do colar, uns ajudando os outros com muito entusiasmo. Algumas crianças queriam levar os colares para casa, porém explicamos que iríamos precisar deles para o dia do casamento. Cada criança guardou seu colar no seu espaço de atividades que fica disponível na sala de aula.

Após uma semana, retornamos para o segundo momento. Antes da contação da história nos preparamos para o casamento. Cada criança pegou seu colar e pintamos os rostos. As tintas eram especiais para pinturas de rosto. As crianças escolhiam as cores e a forma que queriam. Ao fundo, ouvíamos músicas típicas da cultura africana. Após nos preparamos para a grande festa, sentamos todos em roda para escutarmos a história da princesa Abena. Esse movimento deu à oficina um tom lúdico, envolto de ansiedade e alegria. Antes de começar a leitura perguntamos onde será o casamento e uma criança, rapidamente, respondeu: “Aqui na sala”. Logo, indagamos: “Mas o casamento não é lá na África?” e uma das crianças pergunta em tom empolgado: “A gente vai lá?”. Respondemos que vamos viajar para a África na nossa



imaginação e assim, iniciamos a leitura do livro. Ao iniciarmos a leitura, um ponto nos chamou atenção: uma das crianças questionou a forma como demos início a leitura, demonstrando o quão familiarizada era com contos de fadas. Conforme anotações da pesquisadora que elaborou a nota de campo

A pesquisadora começou: - 'A beleza andava de mãos dadas com a princesa Abena'. De repente foi interrompida por uma criança que disse: - Mas tia você não falou era uma vez! M. explicou: - Ah, essa história não começa com era uma vez! - Ah, já sei, é porque essa não é da professora. Completou L. A., outra criança que atentamente percebeu a falta do 'era uma vez' no início da história (NOTA DE CAMPO, 28 set. 2015).

Dando prosseguimento à leitura (anexo 3), ficou claro o quanto as crianças se envolveram com a história, interferindo diversas vezes, levantando hipóteses sobre o que iria acontecer, por exemplo. Outro ponto nos chamou atenção durante a leitura: chegado o momento em que os dois pretendentes de Abena, Chuva e Fogo, iniciam a batalha para ver quem vai casar com a princesa, as crianças sentiram-se instigadas e opinaram, torcendo, cada qual, para um deles. No trecho abaixo podemos observar o relato da pesquisadora e alguns dos comentários realizados pelas crianças nesse processo de torcida

ML imediatamente disse: 'Vai ter briga, é claro'. A mediadora dá continuidade à história e os comentários continuam 'Claro que o fogo vai ganhar, ele é mais forte', 'Mas a chuva apaga o fogo'. No final da história, quando a chuva foi declarada a vencedora, ML bateu palmas e disse: 'Eu sabia!' (NOTA DE CAMPO, 28 set. 2015).

De modo geral, analisando a interação das crianças ao longo da contação da história de Abena, observamos que demonstraram gostar da história, porém, por vezes, ficaram inquietas. A nosso ver, tal inquietação pode ter se dado devido à densidade da história e das palavras que compunham o texto. No entanto, tal densidade não interferiu diretamente na compreensão e no envolvimento com a história.

Ao terminar a história, dissemos que iríamos fazer a festa do casamento e disponibilizamos instrumentos musicais, como tambor, chocalho, maracás, pandeiro, triângulo, ganzá, afuche, agogô, entre outros. Após a entrega dos instrumentos foi uma festa, as crianças pulavam e dançavam.



Avaliação dos resultados

Durante todo o processo, as crianças participaram ativamente e se envolveram com aquele sentimento de preparação para um casamento, demonstrando, por vezes, ansiedade e curiosidade com relação ao casamento de Abena. Esses sentimentos estão relacionados àquilo que defendemos acerca do desenvolvimento de práticas humanizadoras de leitura literária desde a educação infantil. Em outros termos, acreditamos que o trabalho com a literatura está além do processo de leitura e que a preparação das crianças e do ambiente possibilitou vivências que se materializaram a partir das múltiplas linguagens. Isso significa dizer que percebemos que essa oficina desempenhou um papel importante na formação cultural e humanizadora dos sujeitos.

De acordo com as reflexões de Vigotski (2009), a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade das experiências anteriores de cada sujeito, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. “Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência, (...) mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação.” (VIGOTSKI, 2009, p. 23).

Concluimos, após discussão com os pares, que as relações inferenciais que as crianças estabeleceram ao longo do processo, permitiram que, ao imbricarem realidade e fantasia, pudessem ir se constituindo como sujeitos históricos e culturais.

Considerações finais

A oficina contribuiu de forma significativa para nossa formação pessoal e profissional dos adultos envolvidos, e isso foi evidenciado nos relatos dos professores e das pesquisadoras. As crianças demonstraram a atribuição de sentido a essa prática através dos comentários, quando em momentos posteriores remetiam ao livro *O casamento da princesa*. Percebemos, então, o quanto é importante realizar práticas de leitura que, realmente, fazem sentido para as crianças.

Confirmamos a nossa premissa de que o livro tratado como objeto cultural é um instrumento de enorme potencial para proporcionar a fruição e a imaginação.

As análises da nota de campo nos permitiram compreender que as vivências com a leitura literária possibilitam aos sujeitos envolvidos produzir e compartilhar sentidos e significados. Assim, a mediação da leitura literária nos diferentes tempos e espaços escolares é um pilar da relação criança-adulto-formação do leitor. Percebemos que ainda há um tabu em



trabalhar com questões que se referem a africanidades. Porém, a partir dessa experiência vimos que é possível realizar diversos tipos de vivências, abrangendo diferentes temáticas, de modo a envolver a criança como sujeito ativo na atividade.

Diante disso, enxergamos a escola como a principal instância responsável pela formação literária, no sentido de garantir o direito das crianças a essa formação. É fundamental considerar também a importância do papel dos principais agentes mediadores nesse processo de formação de leitores literários, pois esse trabalho conjunto é primordial no sentido da escolha das propostas, da forma, do tempo, do espaço e da perspectiva em que essa mediação será conduzida.

Referências

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BONDÍA, Jorge Larrosa. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. In: Revista Brasileira de Educação. Jan-Abril. Nº 19, 2002.

CARVAJAL, F.; RAMOS, J. A alfabetização como meio de recriar a cultura. In: CARVAJAL, F.; RAMOS, J.(orgs.) Ensinar ou aprender a ler e escrever? Porto Alegre: ARTMED, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise e didática. 1ª ed. – São Paulo: Moderna, 2000.

FARIA FILHO, L. M.; VIDAL, D. G. **Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil**. In: Revista Brasileira de Educação, nº 14, ano 2000.

PINO, A. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortes, 2005.

PRESTES, Z. **Quando não é quase a mesma coisa**: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil repercussões no campo educacional. Brasília:Autores Associados, 2010.

VIGOTSKI, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.

_____. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

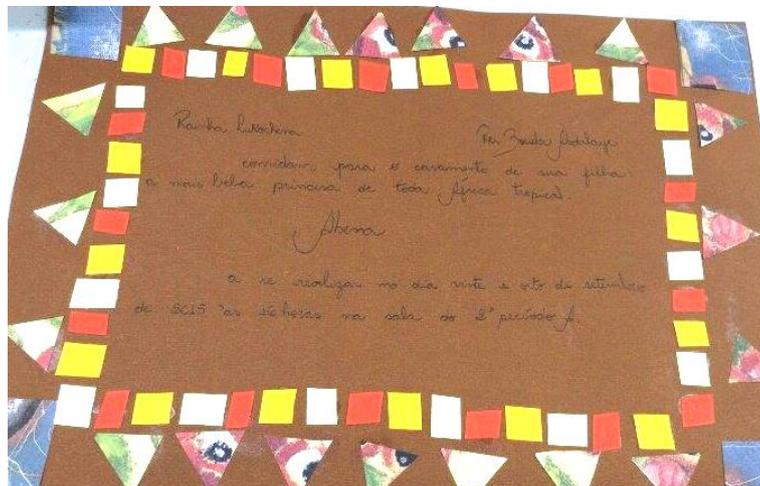
ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 11ªed. Ver., atual. e ampl. – São Paulo: Global 2003.



Anexo

Se for necessário, coloque aqui exemplos de atividades que você usou na experiência.

- ANEXO 1- CONVITE CASAMENTO DA PRINCESA ABENA



- ANEXO 2- FOTOS DE MULHERES E CRIANÇAS AFRICANAS



- ANEXO 3- MOMENTO DA CONTAÇÃO DA HISTÓRIA

